

Taubaté, 15, 3, 1906

Rangel:

Espantou-me a tua promessa de vir. Assombro! Vem por dois ou tres dias. Avisa-me com antecedencia para eu varrer o quarto.

Acabo de ler o *Queijo* e acho que te alcandoras muito. Aquilo é esbanjar filosofia com quem só que polenta grossa. Perguntas se tenho leitores no *Minarete*. Talvez o Benjamim me leia_ o revisor garanto que não. Em S. Paulo, Purezinha tambem me lê. Bem vês que sou lido.

No nosso *Queijo* não cabe mais ninguém. Já ha lá gente demais. E até acho conveniente matarmos dois ou tres personagens. Lembre-se de que prometemos aos leitores “varias mortes tragicas” e ainda estão todos vivos.

Eu e o Eugenio andamos com furia devoradora de quilometros. Todos os dias saimos em nossas bicicletas e varamos quantas estradas ha. Penetramos até nos municipios visinhos. Eugenio quer te conhecer.

Tenho lido muito em inglês_ viagens. Há cá uma porção de numeros de *Wide World Magazine* e do *Strand*. Enjoei-me do francês. Quanto ao Bourget, minha opinião é que vendas os 18 volumes a algum fogueteiro. Não ha ar nessa literatura francesa. E lembra-te, menino, que a arte é longa e a vida breve. Como perder tempo com bobagens? Ler é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engulir_ e que grande tolice comer palha! Alimentemo-nos dos Sumos_ os Balzacs, os Shakespeares, os Nietzsches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills. Theuriets, Onhets, isso é palha. Bourget tem *Mensonges*. Fique aí. Dezoito volumes de Bourguet! Como te foi cair nas unhas tamanha papelada?

Quanto aos epicos antigos, Dante, Milton, Homero, só com bons interpretes, com Virgilios ciceronicos. O proprio *Lusiadas* nunca li inteiro. Cansa-me. Já investi contra o bloco cinco vezes. Começo achando-o belissimo, e vai belissimo até dez ou doze estrofes; daí por diante entram a amiudar-se os bocejos e a admiração vai morrendo. Na estrofe 16ª volto as paginas para ver se o fim do canto ainda está muito longe. Na 20ª acho meios de interromper a ingestão da obra prima e encosta-la por seis meses ou um ano. Mas é admiravel o Camões, não resta a menor duvida. Nós é que somos uns fracalhões, uns dispepticos, uns degenerados netos de truculentissimos avós. Um dos nossos antepassados, Cunhambebe, comia um português inteiro sem arrotar. Nós mal escoramos uma azinha de frango...

LOBATO